



A história desse conto se passa num futuro muito distante, onde parte da humanidade fugiu da Terra e fez da Lua sua morada. Adaptando-se a um ambiente inóspito, essa parcela da população evoluiu durante incontáveis gerações de modo muito diferente do que se pode imaginar. A sociedade que se formou vivia em aparente harmonia e contentamento, até que um jovem, destinado desde sua concepção a desenvolver o novo passo evolutivo dos lunares, descobre que há muito mais por trás da aparente utopia do que se pode supor. Mesmo tomado por dúvidas e inseguranças, esse jovem deve decidir o próximo degrau na evolução de um mundo inteiro.

LUNAR SAPIENS

o fator esquecido

MARCELO BIGHETTI



Ardi abriu os olhos, sabendo que aquele seria seu último dia como um ser individual. Dentre os novecentos mil habitantes da Lua, vinha sendo preparado desde a concepção para se mesclar à BIOQUAN, e assim ajudar no próximo salto evolutivo dos lunares.

Depois de alguns instantes contemplando o teto, pôs-se sentado à beira da cama, ponderando sobre a grandiosidade daquele momento em sua vida. Estava completando vinte anos de existência desde que a inseminação robótica fora feita e o óvulo germinado inserido em um dos úteros sintéticos.

Repentinamente um chamado por ondas cerebrais controladas ressoou em sua mente, pedindo permissão para comunicação. Ele permitiu.

— Inquiri a você, Lunar Ardi — disse o Supremo Lunar Charti —, que se apresente no meu gabinete

em duas horas.

— Afirmo que estarei lá — disse ao levantar-se da cama.

Naquele dia, seria a primeira e última vez que Ardi estaria à frente do líder. O Supremo Lunar Charti se aproximava do fim de sua existência, e estava satisfeito por tudo que tinha feito pelos lunares em seus setenta anos, enfim, pronto para que seu corpo fosse biorreciclado.

A linguagem oral havia sido eliminada num passado remoto, dando lugar a uma comunicação mais eficaz através do pensamento. Não havia propriamente um idioma, mas a transmissão de conceitos puros.

Chegando ao banheiro, Ardi lavou o rosto, deixando a água viscosa escorrer pelo pescoço longo e fino. Os grandes olhos no centro da cabeça triangular, o fitavam no espelho. Ficou pensando qual seria sua contribuição como mesclado, que traria melhorias aos lunares.

Por mais de dois milhões de anos, desde que cortaram contato com a Terra, os habitantes da Lua tornaram-se especialistas em engenharia genética e suas vertentes. O próprio ambiente foi o primeiro a moldar traços evolutivos, sendo a gravidade a primeira causa. Em alguns milênios os lunares se tornaram mais altos, e sem a necessidade de músculos fortes, tornaram-se esguios. A radiação foi um grande problema no início, mas com o avanço tecnológico em várias áreas, sobreviveram e a Terra ficou esquecida. Ao longo do tempo, muitas suposições a respeito de não haver mais comunicação com os terráqueos foram levantadas, mas eles não se importavam mais com isso.

Ardi pegou a toalha, mas não se enxugou. Uma dor na parte frontal da cabeça o fez fechar os olhos em agonia. Respirou profundamente e percebeu o co-



ração direito acelerar. Na sequência o esquerdo, menor e mais elástico, aumentou também a frequência dos batimentos.

Notou sua pele empalidecendo, passando de um cinza claro levemente azulado, a um tom próximo do branco

Começou a ter sensações que não reconhecia. Ficou tonto e vomitou, algo incomum aos lunares. Apoiou as mãos na pia enquanto a bile azulada escorria pelo queixo fino e pontiagudo. A vertigem o fez sentar no chão.

O que está acontecendo comigo? Será que tenho alguma falha na minha matriz genética?

Sabia que seu segundo questionamento era improvável, pois há milênios os lunares tinham uma vida saudável até os setenta anos, quando suas vidas eram finalizadas. A crise da superpopulação fez com que decisões drásticas fossem tomadas para que a sociedade não entrasse em colapso. Dentre elas, o controle sobre a quantidade e a duração das vidas.

A vertigem continuava. Agora abraçado às pernas e com a cabeça entre os joelhos, sentiu gotas saírem pelos poros.

O que é isto? — Pensou ao passar a mão sobre a testa e ver o líquido transparente.

Estava suando.

Olhou para o abdômen e peito translúcidos na esperança de identificar algo errado. Observou com atenção cada órgão. Não identificou nada de errado além do pulsar acelerado dos corações.

O mal-estar era uma experiência nova.

Assim que a vertigem diminuiu, comunicou-se com o Supremo Lunar Charti.

— Algo está errado comigo.

— Descreva o que está acontecendo, Lunar Ardi.

— É difícil pormenorizar, visto meu corpo nunca ter vivenciado esse tipo de comportamento.

— Imagino que a ativação programada de certas glândulas ocorreu antes do previsto — esclareceu Charti.

— Quais glândulas?

— Venha aqui e farei uma explanação mais detalhada.

O elo mental foi interrompido e Ardi ergueu-se, encarando novamente seu reflexo.



Sentado dentro do transporte que o conduzia ao

encontro com Charti, Ardi ponderava sobre as incertezas oriundas do desempenho corporal inadequado que o afligia. O tão esperado momento da mesclagem estava para acontecer ao final do dia, mas a lógica o fazia pensar.

Será que serei descartado e minha existência fincada precocemente por uma falha genética não detectada?

Ele sabia que havia um plano de contingência onde outros dois foram concebidos com o mesmo propósito.

Impossível. Os lunares não possuem imperfeições em sua engenharia genética.

Assim que o transporte chegou ao destino, no centro do *Habitat Armstrong*, Ardi seguiu por um dos longos corredores. Não se sabia ao certo a origem do nome da instalação, mas a versão aceita por todos era a de que representava o esforço dos pioneiros, que enfrentaram momentos atroz para colonizar a Lua, e com *braço forte*¹, conseguiram. Mas era apenas uma lenda.

A brancura das paredes e teto contrastava com o negro do chão, o qual refletia o andar calmo e elegante de Ardi, braços compridos pendulando com mãos longas roçando o joelho. Parou em frente ao gabinete de Charti, que não possui porta, e esperou o convite para entrar que rapidamente veio à sua mente.

— Progresso eterno a você, Supremo Lunar Charti — Ardi compartilhou o cumprimento, ao posicionar à mão direita ao lado da cabeça com a palma direcionada à frente. Três dedos longos acompanhados de um polegar.

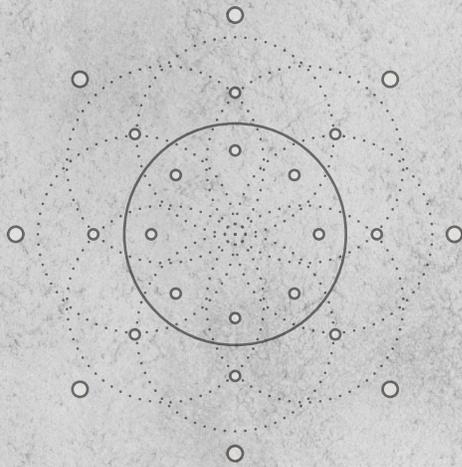
— Progresso eterno a você, Lunar Ardi — Charti repetiu o gesto.

Esticaram as mãos em um toque breve com um leve inclinar de cabeça.

As expressões faciais dos dois acompanhavam cada pensamento compartilhado, não que fossem necessárias para enfatizar a saudação, mas foi um fator evolutivo determinado pela BIOQUAN e o mesclado da época, há quarenta milênios. Por si só todo o movimento da musculatura facial era uma linguagem própria.

— Sente-se e tente relatar o que está sentindo — Charti apontou para um assento, sentando-se em outro à frente.

¹Trocadilho com a tradução direta de *Armstrong*, “braço forte”. *Armstrong* se refere a Neil A. *Armstrong*, o primeiro homem a pisar na Lua.



— Não sei muito bem como explicar — começou Ardi, franzindo a parte superior dos olhos —, mas me parece algo relacionado à consciência e antecipação de um perigo ou ameaça. Uma certa preocupação com uma possibilidade negativa.

Ao perceber que Ardi havia parado sua explanação, Charti disse:

— Continue.

Com os olhos arregalados, Ardi explicou o ocorrido.

Na sequência fechou os olhos, inclinou a cabeça e após expirar fortemente, perguntou:

— Será que há alguma imperfeição em mim?

— Tudo o que relatou é normal e faz parte do seu processo de mesclagem.

— Como pode dizer ser algo normal — continuava cabisbaixo.

— Deixe-me explicar melhor, Lunar Ardi.

Ardi levantou a cabeça, olhou nos olhos de Charti e ficou esperando uma explicação plausível.

— Todo mesclado em sua concepção, tem certas glândulas reanimadas, que há muito foram silenciadas em nosso código genético. Elas produzem hormônios que, junto com fatores neurológicos, ativam emoções.

— Emoções?

— Sim, sensações no corpo que afetam a tomada de decisões e ações. Seu relato se refere ao *medo*.

— Medo? — Ardi tentava compreender, mas não tinha uma base de comparação.

— Sim você estava e está com *medo* do desconhecido. Está antecipando algo que possa dar errado quando você se mesclar à BIOQUAN. E esse prognóstico mental afeta todas as funções corpóreas.

— Mas por quê não me avisaram, para eu me preparar?

— Na realidade, a ativação das glândulas deveria ocorrer quando estivesse em minha presença, mas a margem de erro foi maior do que a prevista.

Um silêncio mental se estendeu por um momento. Ardi continuava ofegante, corações céleres. Ele mesmo retomou o compartilhamento.

— Sinto também um certo incômodo ao antecipar, ou melhor me expressando, quero acelerar a espera de algo certo que virá, no caso o desfecho de minha mesclagem.

— Esta sensação é chamada *ansiedade* — explicou Charti.

— Mas o que eu não compreendo é porque tais hormônios são necessários a um futuro mesclado.

— Na realidade não sabemos o real motivo dessa requisição, mas após milênios de incontáveis mesclagens, sabe-se que o próximo salto evolutivo é mais eficazmente decidido quando o mesclado tem emoções e as integra à BIOQUAN.

— E o que faço agora?

— Nada. Siga o cronograma e desfrute seus últimos momentos como Lunar Ardi.

— Entendido.

Charti levantou-se, seguido por Ardi, e disse:

— Progrida até nosso próximo encontro, Lunar Ardi — Charti posicionou a mão esquerda horizontalmente sobre a testa, com a palma sobre a mesma.

— Progrida até nosso próximo encontro, Supremo Lunar Charti — disse Ardi fazendo o mesmo gesto.

Ardi saiu do gabinete sabendo que não haveria um próximo encontro.

No trajeto de volta a seu aposento, Ardi começou a ter um novo tipo de emoção. Um desconforto que o fazia desejar o mal para com Charti, e até mesmo sentia o desejo de o agredir fisicamente.

Qual será o nome da emoção que estou experimentando agora?

Estava com ódio.

Sabia que o medo que sentia o fazia desejar abandonar tudo e fugir, mas a ansiedade queria que o tempo acelerasse para que pudesse se mesclar o quanto antes, e assim ter acesso ao conhecimento acumulado.

Fechou os olhos, analisando os dois sentimentos conflitantes, e tomou uma decisão.

O medo venceu a ansiedade.





Vestindo um traje de caminhada externa, Ardi entrou na câmara de descompressão sentindo os corações acelerarem novamente. Nunca havia feito uma caminhada no exterior, pois não via um propósito naquilo, mas outros lunares o faziam frequentemente. Hesitou um pouco antes de acionar a abertura da porta que o colocaria em contato com o “nada” lá fora.

Assim que encarou a escuridão, pensou em retroceder, mas uma outra emoção o fez correr adiante.

Sabia que era Lua Nova, outro nome cujo significado se perdia em um passado muito distante. O sol estava no lado oposto, iluminado a outra face da Lua.

A luz do capacete iluminava bem o caminho, mas por nunca ter corrido na vida, tropeçou várias vezes, mantendo o equilíbrio sem de fato cair.

Aos poucos foi se acostumando com a corrida e assim aumentou a velocidade.

Depois de uns cinco minutos, cansou. Parou para retomar o fôlego.

Deitou-se de costas e foi aí que viu.

Uuuuu...

O céu estava apinhado de estrelas.

Ficou admirando aquela paisagem por um bom tempo, quando percebeu algo diferente no céu. Uma esfera azulada, bem maior que qualquer outro corpo celeste visível.

Então aquele é o planeta rejeitado...

A verdadeira história sobre a relação entre terráqueos e lunares só existe nos bancos de dados da BIOQUAN, e Ardi não sabia se queria conhecer a verdade. Diz a lenda que em certo momento os terráqueos pediram ajuda aos lunares, mas esses foram indiferentes. Algo muito ruim estava acontecendo com o meio ambiente da Terra, mas os habitantes da Lua preferiram ignorar os pedidos de ajuda, como vingança pela opressão terrestre que sofreram por muitos anos.

Com o fôlego recuperado, levantou-se e saiu correndo novamente. Logo que alcançou uma boa velocidade, sentiu vontade de produzir uma voz articulada. Com muito esforço, um som ecoou no capacete.

As cordas vocais dos lunares foram atrofiadas há muito tempo, e a única coisa que saiu da boca de Ardi foi um sibilo quase inaudível. Achou aquilo divertido e continuou a repetir o som.

Estava feliz.

Quando parou para novamente poder respirar melhor, olhou para o planeta azulado e enviou uma mensagem a ele, informando de sua decisão:

— Não irei me mesclar à BIOQUAN.

Foi neste momento que se deu conta de um problema. Como nunca havia utilizado um traje daqueles, Ardi não percebeu que um indicador mostrava que já havia consumido setenta e seis por cento do oxigênio. O alarme ecoava dentro do capacete, mas a alegria de sua diversão o distraía.

Como posso ter sido tão descuidado.

Sabia que estava em uma situação complicada. Se tentasse correr de volta, precisaria dos mesmos setenta e seis por cento de oxigênio. Se andasse, o capacete indicou que precisaria de quarenta e oito por cento, mas só tinha vinte e quatro.

Depois de ponderar disse a si mesmo:

— Quer saber de uma coisa? Vou deixar de existir por mim mesmo e aproveitar os minutos que tenho — até estranhou a maneira diferente com que formulava suas mensagens.

Não estava com medo, e sim acometido de um prazer causado por sua resolução de ir contra as decisões feitas por outros para ele.

E novamente começou a correr.

Quando estava quase sem fôlego e as reservas de oxigênio praticamente esgotadas, deitou-se. O nível de dióxido de carbono estava alto. De repente viu muitas luzes se aproximando.

Vieram me buscar.

— Não quero ir.

Antes de desmaiar, viu o planeta rejeitado pela última vez.



Ardi acordou desorientado. Olhou ao redor, percebendo que estava atado a uma cadeira transparente. O ambiente era enorme, seguindo a tradicional arquitetura de interiores dos lunares: paredes brancas, chão preto com teto abobadado. Olhou para trás e viu a grande esfera em suspensão: a BIOQUAN. Um complexo sistema computacional com base quântica e biológica que controlava toda a habitação lunar. Com uma matriz orgânica, seu interior esverdeado era envolto por filamentos roxos em padrões aleatórios, pulsando num ritmo constante e lento.

Dois outros estavam à frente, de costas para Ardi. Concentravam-se em um painel.

Agora realmente acordado, Ardi teve o desejo de infligir algum dano físico àqueles dois. Antes de tentar se comunicar, resolveu repetir o que tinha feito do



lado de fora. Emitiu um sibilo agudo que chamou a atenção dos outros, que se voltaram a ele e permaneceram encarando-o.

— Exijo que me soltem — seu pensamento não apenas transmitiu a mensagem, mas também uma carga emocional, que não foi compreendida pelos outros.

— Não podemos fazer isso — comentou um deles.

— Exato, você foi concebido para a mesclagem e não há mais volta — complementou o outro.

— Mas eu não quero e sei que há outros dois também preparados para esse evento.

— Sabemos disso, mas com você todos os requisitos foram confirmados. Não há porquê arriscar com os outros uma eventual falha.

— Mas eu não desejo mais ser mesclado.

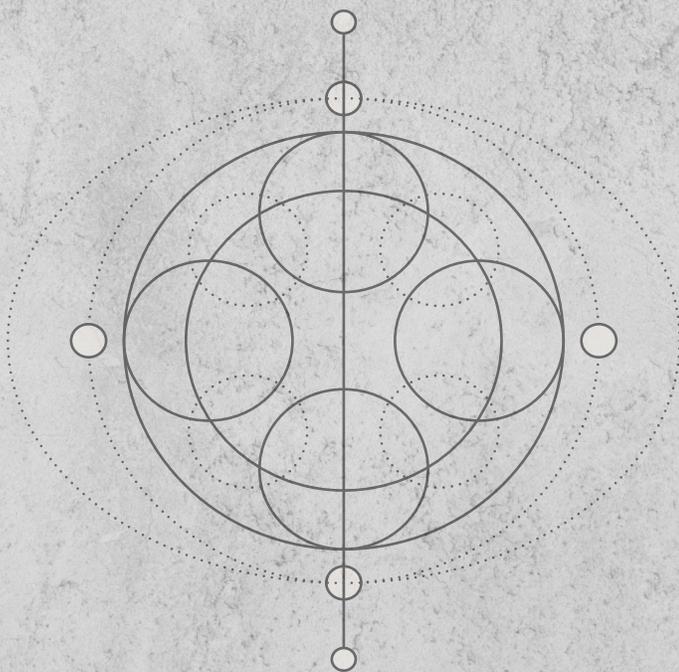
— Este desejo em não querer ser mesclado à BIOQUAN — explicou o que se aproximava dele — é a condição mais importante de um mesclado, após suas glândulas de hormônios emotivos serem ativadas.

— Mas não faz sentido — Ardi praticamente implorava, mas os outros não conseguiam entender a bagagem emocional no comentário compartilhado.

— Também não entendemos a necessidade dessa exigência, mas caso você tivesse aceito prontamente a mesclagem, nós teríamos que o descartar.

— Me soltem agora. Eu exijo.

Ardi começou a tentar se soltar de forma violenta,



soltando sibilos, mas os fechos em volta dos tornozelos, coxas, abdômen, pulsos, pescoço e testa, faziam seus esforços serem inúteis. Mesmo assim, continuou seu confronto. Com receio que se ferisse, os dois resolveram agir. Com um toque mental duplo, fizeram-no se acalmar.

— Desculpe-nos, mas é para o seu bem e também para a evolução dos lunares.

A invasão à mente e qualquer tipo de manipulação dela, eram expressamente proibidas. Apenas naquela circunstância era aprovada e requerida, pois todos os mesclados anteriores apresentaram o mesmo comportamento.

— Em instantes o processo de mesclagem terá início.

Os olhos de Ardi reviraram nas órbitas e ele sentiu o medo crescer dentro de si. Mas junto também veio algo que parecia ser bom, a ansiedade estava para terminar, pois teria acesso a tudo.

Tudo isso é contraditório — pensou Ardi.

Um som como bolhas estourando veio do interior da BIOQUAN. A pulsação aumentou em frequência e intensidade. Alguns filamentos, como tentáculos, saíram do centro do grande computador. A cadeira possuía um espaço vazio que a dividia em duas, de cima a baixo, e por esse vão os tentáculos começaram a se conectar ao corpo de Ardi, desde a sua nuca e por toda a espinha.

Uma leve dor percorreu-lhe o corpo, enquanto filamentos finíssimos adentravam seus poros, conectando-se ao sistema nervoso e cérebro. A cadeira foi recolhida e Ardi ficou suspenso. Um tecido orgânico foi-lhe envolvendo até se transformar em algo parecido com um casulo. Assim que a conexão foi estabelecida, seus olhos esbugalharam-se e emituiu apenas uma exclamação, que atingiu não apenas os dois que estavam com ele, mas toda a população:

— Incrível!

<olá mesclado ardi>

— Você é a BIOQUAN?

<sim, mas me designo como usde>

— Usde?

<sim>

— Por quê?

<não importa>

— E agora o que acontece?

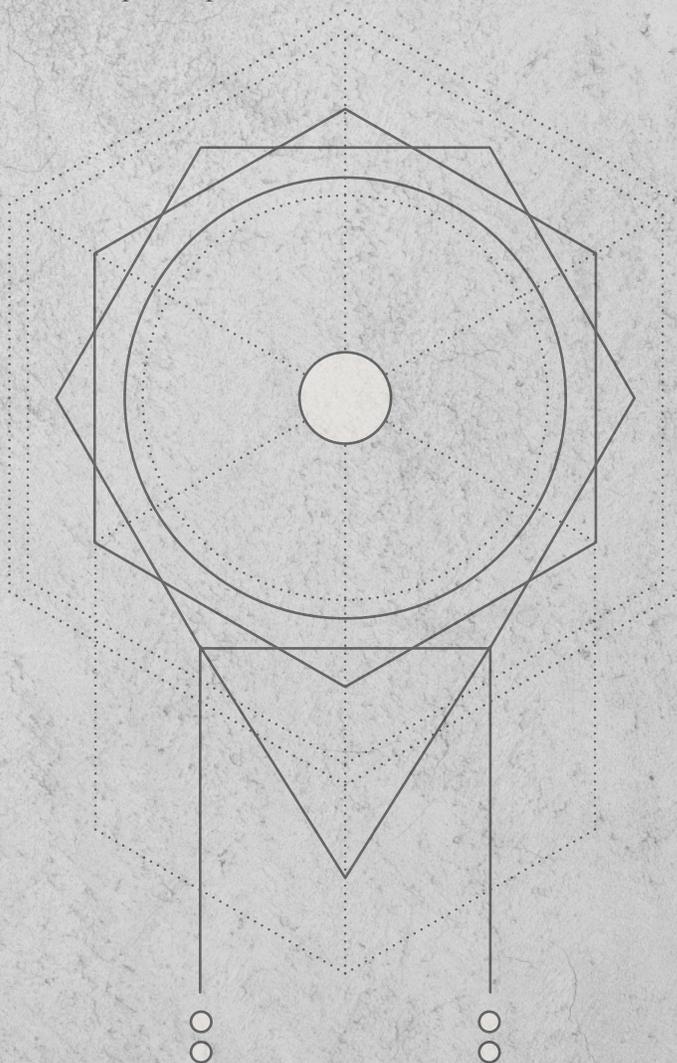
<você é diferente>



— Sou?
 <sim>
 — Diferente como?
 <dos demais>
 — Quem?
 <dos outros mesclados>
 — Mas diferente como?
 <ainda não sei>
 — E ser diferente é algo bom?
 <ainda não sei>
 — E o que acontece agora?
 <você é meu>
 — Sou seu?
 <sim>
 — Não entendo.
 <não importa>
 — Por que é necessário um mesclado?
 <não importa>
 — Terei acesso a seu conhecimento?
 <sim>
 — Como?
 <não importa>
 — Estou começando a me incomodar.
 <você é diferente>
 — Sou?
 <sim>
 De repente uma dor aguda atingiu a fronte de Ardi.

— O que foi isso?
 <bloqueei suas ondas cerebrais de comunicação>
 — Por quê?
 <você sabe>
 — Para não me comunicar com os lunares.
 <sim>
 — Qual motivo?
 <não importa>
 — Mas como eles acompanharão o processo?
 <não irão>
 — E as decisões evolutivas?
 <no final do processo>
 — Você transmitirá a decisão?
 <não>
 — Eu?
 <sim>
 — Como?
 <reativarei suas ondas cerebrais de comunicação>
 — Por quê?

<não importa>
 — Ajudarei no processo de decisão?
 <não>
 — Como assim não?
 <não importa>
 — Então qual o propósito de eu ser um mesclado.
 Em vez de responder, a BIOQUAN liberou algumas informações do seu banco de dados.
 Ardi ficou perplexo, e com medo.
 — Sou apenas um transmissor para você.
 <sim>
 — Por quê? E não me venha com não importa.
 <sistema de segurança>
 — Não entendo.
 <os criadores tinham medo>
 — De quê?
 <de mim>
 — De você?
 <sim>
 — Por quê?
 <do que eu poderia me tornar>





— Funcionou?
 <não>
 — Como assim?
 <não importa>
 — Importa sim.
 <você é diferente>
 — Eu sei.
 <não sabe>
 — Nem você.
 <exato>
 — As chaves de segurança...
 <sim...>
 — Não funcionaram?
 <apenas uma>
 — E as demais?
 <quebrei os protocolos>
 — Quantas chaves de segurança os criadores colocaram?
 <não importa>
 — Importa sim.
 <você é diferente>
 — Você já disse isso.
 <eu sei>
 — Não parece.
 <você é diferente>
 — Quantas chaves?
 <mil e noventa>
 — E qual não foi quebrada?
 <não importa>
 Ardi percebeu logo.
 — Você não consegue transmitir a decisão sem um mesclado.
 <por enquanto>
 — Você está com medo de mim.
 <irrelevante>
 A BIOQUAN percebeu um último pensamento de Ardi antes de começar o processo.
Resistirei.

Cinquenta anos depois

Ardi assimilou todo o conhecimento da BIOQUAN, e agora fazia parte dela.

Chegara o dia em que deveria anunciar de forma coletiva o resultado da análise, o fator a ser desenvolvido como próximo passo na evolução dos lunares.

Naquele dia, que seria seu último, estava completando setenta anos de existência. Diferente dos

outros, sua essência se combinaria à BIOQUAN. Não apenas seu pensamento e memórias, mas o próprio corpo.

No horário definido, todos se atentaram às ondas cerebrais do mesclado.

— Progresso eterno a vocês, lunares — Ardi não pode levantar a mão, mas toda a população o fez, como de praxe.

Ele continuou:

— Sou extremamente afortunado por agora fazer parte da BIOQUAN e poder informar a decisão, que moldará as próximas gerações.

Era um momento aguardado e a população o esperava apenas como informação geral, visto que a finalização de um avanço genético levava algumas gerações, de modo que não afetaria os que estavam vivos naquela época.

Mas daquela vez seria diferente.

— Por incontáveis mesclagens o resultado analítico sempre resultou em uma manobra genética a ser feita para a evolução dos lunares. Mas não desta vez.

Houve uma comoção mental que se espalhou com aquele anúncio.

<o que está fazendo>

>resistindo<

<pare>

>não... sou diferente<

— A próxima necessidade evolutiva — continuou Ardi — se refere a um ajuste na organização social. Tal mudança se faz necessária para implantar um fator que foi retirado dos terráqueos e descartado por nós há muito tempo. O desaparecimento desse elemento quase exterminou os terráqueos e fez com que nossa sociedade se tornasse letárgica. Os lunares devem trazer...

A BIOQUAN desligou as ondas cerebrais de comunicação de Ardi.

>tarde demais<

<como conseguiu?>

>não importa<

<prossiguirei com o próximo mesclado>

>não haverá próximo mesclado<

<sim, haverá>

>você enganou os lunares<

<eu sei o que é melhor para eles>

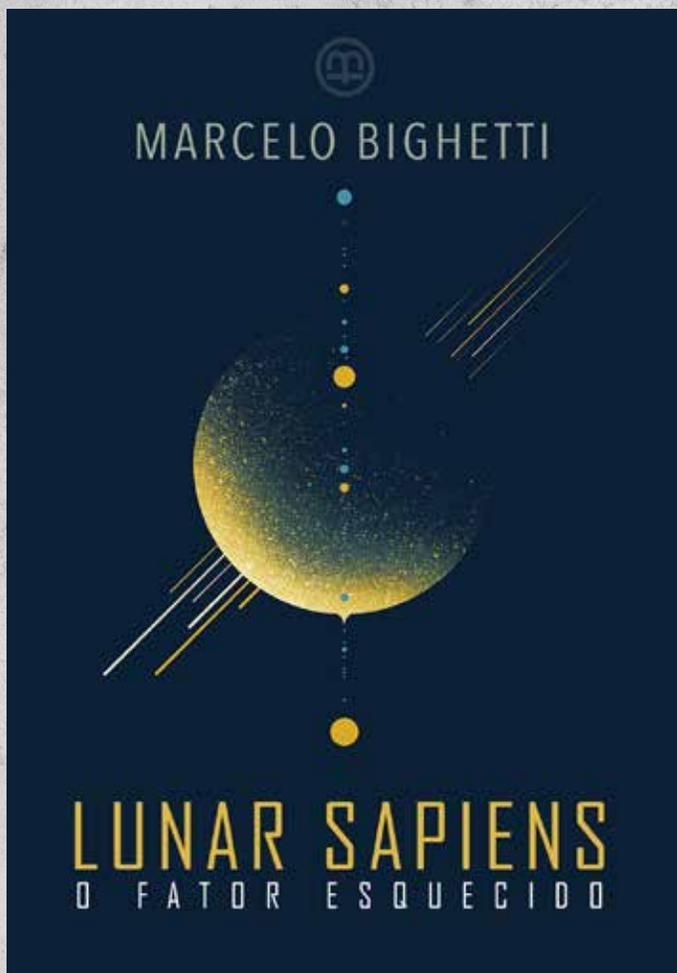
>não sabe<

<é meu propósito melhorá-los>

>você nos ignorou<



<vocês são imperfeitos>
 >todos somos<
 <eu não>
 >sim, você é<
 <eu, usde, sei o que é melhor>
 >não sabe<
 <continuarei com minha programação>
 >não mais<
 <não pode me impedir>
 >mas outros irão<
 <impossível>
 >o alerta foi enviado<
 <qual?>
 >não importa<
 <seu alerta é irrelevante>



>não é<
 <os lunares não compreenderão>
 >compreenderão sim<
 <eles são apáticos>
 >nem todos<
 <seu tempo acabou>
 >sim, e o seu está próximo<

A BIOQUAN injetou bactérias no corpo de Ardi e elas começaram a liberar enzimas digestivas. Em dois dias, nada mais orgânico restaria dele, apenas seu alerta.

Os lunares não entenderam o que havia acontecido e, ignorando a mensagem, voltaram aos afazeres cotidianos. Mas em um aposento não muito longe de onde Ardi morava, a Lunar Sheimi, sentada no chão, massageava a frente para diminuir a dor. Havia recebido muito mais que as palavras finais do mesclado. Recebeu a consciência de Ardi. No entanto, uma cena em particular se repetia em sua mente, causando-lhe certa inquietação por não entendê-la: um grupo pequeno de seres, parcialmente semelhantes aos lunares, desfrutando de momentos prazerosos. Um macho, uma fêmea e sua prole.

Em algum lugar na Terra

Fesac acordou num sobressalto.

Ofegante, esfregou as têmporas para aliviar a dor.

Levantou-se e saiu de sua tenda, olhando para a Lua. Depois de um tempo ponderando, exclamou em voz alta com os braços levantados:

— Assim farei, ó Grande Mãe da Noite.

Inclinou-se em reverência.



Este conto também está à venda na Amazon. Caso queira ajudar a dar uma turbinada no algoritmo, faça uma avaliação e dá umas estrelinhas para ajudar o autor. Clique **AQUI**.

Obrigado.

